

POR UMA ANTROPOLOGIA AFRODIASPÓRICA: AS ENCRUZILHADAS E O ATREVIMENTO COMO PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS, ÉTICOS E POLÍTICOS

LUCIANA DE OLIVEIRA DIAS¹

RESUMO

Este texto foi apresentado durante a conferência por mim ministrada na solenidade comemorativa aos 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). No âmbito da temática "Diálogos Etnográficos: Identidades, Territórios, Corporalidades e Direitos", fiz a opção por falar sobre antropologias, plurissaberes e ações afirmativas. Importante enfatizar que as reflexões aqui apresentadas compõem um amplo conjunto de debates e ideias, algumas inéditas e algumas publicadas, que venho articulando há mais de uma década, sendo que o esforço desta minha enunciação teve como intensão ampliar o campo reflexivo sobre antropologias, múltiplos saberes e ações afirmativas no Brasil. A escolha conceitual apresenta as encruzilhadas e o atrevimento como categorias importantes que resguardam dimensões epistemológicas, éticas e políticas.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia afrodiaspórica; Plurissaberes; Ações afirmativas.

FOR AN AFRODIASPORIC ANTHROPOLOGY: CROSSROADS AND AUDACITY AS EPISTEMOLOGICAL, ETHICAL, AND POLITICAL PRINCIPLES

ABSTRACT

This text was presented during the lecture I gave at the ceremony commemorating the 10th anniversary of the Postgraduate Program in Social Anthropology (PPGAS) at the Federal University of Alagoas (UFAL). Within the theme "Ethnographic Dialogues: Identities, Territories, Bodies and Rights," I chose to speak about anthropologies, multiple knowledges, and affirmative action. It is important to emphasize that the reflections presented here comprise a broad set of debates and ideas, some unpublished and some published, that I have been articulating for over a decade. The intention of this presentation was to expand the reflective field on anthropologies, multiple knowledges, and affirmative action in Brazil. The conceptual choice presents crossroads and audacity as important categories that safeguard epistemological, ethical, and political dimensions.

KEYWORDS

Afro-diasporic anthropology; Multiple knowledges; Affirmative action.

POUR UNE ANTHROPOLOGIE AFRODIASPORIQUE : LES CARREFOURS ET L'AUDACE COMME PRINCIPES ÉPISTÉMOLOGIQUES, ÉTHIQUES ET POLITIQUES

RÉSUMÉ

Ce texte a été présenté lors de la conférence que j'ai donnée à l'occasion de la cérémonie commémorant le 10e anniversaire du Programme de troisième cycle en anthropologie sociale (PPGAS) de l'Université fédérale d'Alagoas (UFAL). Dans le cadre du thème « Dialogues ethnographiques: identités, territoires, corporalités et

¹ Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG). Presidenta da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Conselheira da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). E-mail: lucianadias@ufg.br.

droits », j'ai choisi d'aborder les questions d'anthropologie, de savoirs multiples et de discrimination positive. Il est important de souligner que les réflexions présentées ici englobent un large éventail de débats et d'idées, certains inédits et d'autres publiés, que je développe depuis plus d'une décennie. Cette présentation visait à enrichir le champ de réflexion sur les anthropologies, les savoirs multiples et la discrimination positive au Brésil. Le choix conceptuel met en lumière les notions de carrefour et d'audace, catégories essentielles qui préservent les dimensions épistémologiques, éthiques et politiques.

MOTS-CLÉS

Anthropologie afro-diasporique; Savoirs multiples; Discrimination positive.

POR UNA ANTROPOLOGÍA AFRODIASPÓRICA: LAS ENCRUCIJADAS Y LA OSADÍA COMO PRINCIPIOS EPISTEMOLÓGICOS, ÉTICOS Y POLÍTICOS

RESUMEN

Este texto se presentó durante la conferencia que impartí en la ceremonia de conmemoración del décimo cumpleaños del Programa de Posgrado en Antropología Social (PPGAS) de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL). Dentro del tema "Diálogos Etnográficos: Identidades, Territorios, Corporeidades y Derechos", opté por hablar de antropologías, saberes múltiples y acción afirmativa. Es importante destacar que las reflexiones aquí presentadas abarcan un amplio conjunto de debates e ideas, algunos inéditos y otros publicados, que he venido articulando durante más de una década. La intención de esta presentación fue ampliar el campo reflexivo sobre antropologías, saberes múltiples y acción afirmativa en Brasil. La elección conceptual presenta la encrucijada y la audacia como categorías importantes que salvaguardan las dimensiones epistemológicas, éticas y políticas.

PALABRAS CLAVE

Antropología afrodiaspórica; Saberes múltiples; Acción afirmativa.

INTRODUÇÃO

A minha pretensão nesta conferência é falar um pouco sobre Antropologias, sobre plurissaberes (que possibilitam acionar antropologias emergentes) e sobre a eficácia do racismo (Munanga, 1996) em sociedades de base discriminatória. Concordando com Ailton Krenak (2020, p. 10), eu gostaria de propor hoje algumas reflexões sobre uma “abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de Vida, de existência e de hábitos”. E sobre uma crise civilizatória que precisa ser superada em todas as dimensões da vida, sob pena de não conseguirmos mais “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019).

Eu dou início à minha fala apresentando um delineamento daquilo que tenho chamado de epistemologia negra (Dias, 2021) ou afrodiaspórica que, apesar de não estar inserida nas tradições do pensamento científico, revela um percurso feito que afasta essa epistemologia afrodiaspórica do campo da novidade e marca encontros pretéritos, por vezes opressores de plurissaberes e garantidores de uma hegemonia, que Lélia Gonzalez chama de “branco-ocidental”. Essa epistemologia afrodiaspórica tem reivindicado reconhecimento, não como um saber periférico, mas como uma práxis caracterizada por uma agência, conjugada com uma autoria, ambas negras, o que lhe confere um matiz específico, peculiar e com forte incidência política e potencial transformador, capaz de inserir em um campo de disputas, saberes e fazeres epistemológicos comprometidos com o antirracismo e efetivamente afetados pelos dilemas da humanidade.

Abro parênteses para destacar que o desafio de produzir e fazer circular conhecimentos em contextos de crise civilizatória é agigantado quando o sujeito que se empenha em movimentar e articular saberes é integrante de segmentos da sociedade, sobre os quais tem historicamente recaído a desconfiança, o descrédito, a baixa expectativa, a objetificação e a desumanização. Assim sendo, para que pessoas negras e indígenas, dentre outros, desenvolvam conhecimentos em variados campos acadêmico-científicos, inclusive na Antropologia, enfrentam tendencialmente um complexo conjunto de tensões que suprimem a diferença e instauram a desigualdade, naturalizando-a.

AÇÕES AFIRMATIVAS E EPISTEMOLOGIAS AFRODIASPÓRICAS

No Brasil, onde a autopercepção nacional passa pela consideração das identidades raciais (Pinho; Sansone, 2008, p. 10), a população negra (preta e parda), que representa hoje mais de 54% da população nacional, tem historicamente resistido a genocídios, escravidão, exclusão, invisibilidade, silenciamentos, condenações geracionais e extermínio em todas as fases da vida. Esse racismo sistêmico atravessa eficazmente todas as instituições, provocando uma paralisia em agências e instaurando barreiras muitas vezes intransponíveis. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, implanta uma racionalidade inconsciente, uma

neurose coletiva, que torna as pessoas que dão vida a estas instituições em reprodutoras desse racismo infiltrado, que se reproduz como um sistema de opressão, mas também como um projeto de manutenção de privilégios.

Feitas estas considerações iniciais, apresento uma breve reflexão sobre os desafios para o reconhecimento de uma epistemologia afrodiaspórica no Brasil e também uma antropologia afrodiaspórica, emergente, que tem o potencial de desestabilizar cânones e provocar fissuras, abrindo encruzilhadas em estruturas consolidadas. Assim compreendido, avanço colocando enfoque em duas categorias sobre as quais me deterei com mais vagar, quais sejam o “atrevimento” e as “encruzilhadas”, para me referir às agências e autorias negras e também a um engajamento antirracista, que têm o potencial de tornar os saberes acadêmico-científicos menos mutilados por inserirem a perspectiva da interlocução horizontalizada, respeitosa e não silenciadora de vozes negras que ecoam desde o campo. O que está sendo proposto aqui é que seja considerado e reconhecido pelo campo um saber/fazer afrodiaspórico, que tem o potencial desestabilizador de uma parcialidade e que, se revolvido, pode fazer brotar plurissaberes e diversidades.

Em tempo, negrito que há uma incontestável porção política quando coloco em pauta o reconhecimento de uma epistemologia/antropologia afrodiaspórica, da mesma forma, há uma inquestionável porção política quando se nega a existência de uma epistemologia/antropologia afrodiaspórica. É fundamental que saberes sejam apreendidos em sua dimensão epistemológica e também em suas dimensões política, identitária e estética-corpórea. Nilma Lino Gomes (2017) nos lembra que a consideração dessas múltiplas dimensões, que abrigam um valor epistemológico intrínseco, é o que permite uma mobilização de conhecimentos que podem descortinar horizontes emancipatórios.

Neste século XXI, pode ser detectada uma universidade interpelada por atores sociais que passam a ocupa-la muito recentemente, sobremaneira a partir dos anos 2000, com as ações afirmativas e o ingresso de segmentos historicamente discriminados e excluídos. Esses atores sociais são sujeitos coletivos e políticos que demandam por reconhecimento às pluriépistemologias, além de reparação às injustiças perpetradas por um Estado e instituições estruturadas sobre práticas discriminatórias. Toda uma movimentação se faz presente em pontos, que nomeio aqui de encruzilhadas, ocupados por múltiplos atores sociais que “produzem discursos, reordenam enunciados, nomeiam aspirações difusas ou as articula” (Gomes, 2017, p. 47), fazendo emergir outros processos de significação. Conforme afirma Luiz Rufino (2019) em *Pedagogia das Encruzilhadas*, “as sabedorias de fresta são encarnadas e enunciadas por corpos transgressores e resilientes” (p. 09) que reivindicam com propriedade “sabedorias ancestrais que ao longo de séculos foram produzidas como descredibilidade, desvio e esquecimento” (p. 12). Vale ainda realçar que os conhecimentos, retomando o pensamento de Luiz Rufino, “vagueiam mundo para baixar nos

corpos e avivar os seres. Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade” (p. 20).

Ainda acerca das encruzilhadas, Paulo Petronilio (2020), que pensa filosoficamente a encruzilhada como “território de Exu”, a entende também como vibrante ponto de encontro no qual comunicações são realizadas. Convém destacar que Exu é o orixá que é também o mensageiro, é um princípio dinâmico, “a boca e a pedra filosofal do candomblé” (Petronilio, 2020), que movimenta as encruzilhadas, envolvendo múltiplos saberes, imaginários, corporeidades e subjetivações. As encruzilhadas são lócus que possibilitam tensionar, transgredir e instituir pluralidades, polifonias e polissemias. Assim compreendido, entendo que uma epistemologia afrodiaspórica se dá nas encruzilhadas acadêmico-científicas e possibilitam visualizar agenciamentos desestruturantes de matrizes “branco-ocidentais”.

Sigamos pensando as encruzilhadas, avançando na busca por entendimento de uma espécie de atrevimento transatlântico, fortemente antirracista, que também tem o poder de revelar pluriepistemologias.

A intelectual e ativista negra, Lélia Gonzalez (1979, p. 21), ao estudar o racismo como um discurso de exclusão e objetificação do sujeito, entende que o racismo epistêmico invalida qualquer perspectiva de conhecimento que não seja ocidental e branca. O racismo epistêmico, que dispara processos de epistemicídio como tecnologia de poder, pode ser compreendido como parte do “dispositivo de racialidade”, conforme pensado por Sueli Carneiro. Esse dispositivo é “uma ferramenta teórica para a apreensão das relações de força implicadas no domínio da racialidade no Brasil” (Carneiro, 2005, p. 30), sendo que opera sobre sujeitos negros e apresenta características disciplinares realizadoras de estratégias de rebaixamento intelectual e até mesmo de anulação de sujeitos como produtores de conhecimentos, sendo que essas características disciplinares podem ser lidas como epistemicídio.

Ressalto que “O epistemicídio opera pela destruição de determinados saberes, todavia, ao eliminar os saberes desestrutura também os sujeitos desses mesmos saberes, revelando a face cruel do ontoepistemicídio” (Dias, 2020, p. 08). Ainda assim, há sobrevivências nesse cenário de epistemicídio e ontoepistemicídio. Essa sobrevivência audaciosa pode ser apreendida dos saberes e fazeres de mulheres negras como Lélia Gonzalez, que articula atuação política e antirracista e engajamento na produção de conhecimentos, aproximando teoria e prática, buscando entendimento de si, como sujeito coletivamente forjado e, honestamente, o enuncia. Esse enunciado se dá em uma busca pela desestabilização de nichos de privilégios que são de raça, e que são também de gênero, de classe, de sexualidade, etários, dentre outros. São reveladas nessas encruzilhadas fissuras comunicativas abertas em um campo que gradativamente vai se tornando pluriepistêmico.

UM ATREVIMENTO TRANSATLÂNTICO

Lélia Gonzalez, escreveu em bom pretuguês “Cumé que a gente fica?” que foi publicado como epígrafe do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (2018). Não percamos o entendimento de que pretuguês é uma subversão e ressignificação da língua de dominação colonial, o português que se africanizou. O texto de Lélia Gonzalez foi por ela apresentado pela primeira vez na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, durante o IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 1980. A arrojada epígrafe de Lélia Gonzalez é por mim interpretada como um atrevimento que se mostra fundamental para provocar mudanças em campos consolidados em bases elitistas e racistas. Lélia Gonzalez conta:

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na mesa onde eles estavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi se sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioulo da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava pra abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. Mas gente... foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de **atrevida**. Tinham chamado ela pra responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava mais pra ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Teve uma hora que não deu pra aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu pra cima de um crioulo que tinha pegado no microfone pra falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... Agora, aqui pra nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar?... (Gonzalez, 2018, p. 190).

A narradora, que provoca reflexões sobre o atrevimento da “neguinha” que se levanta, fala ao microfone e não simplesmente reverencia ou agradece por estar na “festa”, mas reclama, faz aflorar um desejo de compreensão mais elaborada de que o atrevimento tem potencial para mexer na ordem, para desestabilizar. O atrevimento é levado a cabo por meio do reclame, sendo este enunciado por quem se sente injustiçado, prejudicado,

discriminado ou excluído. Nesse sentido, sem o reclame, não há alteração da ordem estabelecida, que possa torna-la mais justa e equânime. Como frequentemente afirma Audre Lorde (2003) “o silêncio não vai te proteger”. Em ordens socioculturais injustas, caracterizadas pelas desigualdades, há que se desenvolver mecanismos institucionais de consideração, apreensão e escuta dos reclames. Ações institucionais dessa natureza podem conduzir a mudanças que contemplem reconhecimentos e reparações.

Uma desestabilização atrevida dispara processos redistributivos de poderes e de bens materiais ou simbólicos, comprometendo a farta cota concentrada entre grupos hegemônicos, que nos campos de produção de conhecimentos acadêmico-científicos tem sido branco-ocidental. Talvez por isso, e por acontecerem nas encruzilhadas, o reclame/atrevimento de sujeitos discriminados não seja, por muitas vezes, ouvido, sendo mais comumente observada a “malhação”, ou a “queimação”, ou a exclusão e silenciamento do “sujeito atrevido”. Todavia, nessas encruzilhadas, comunicações são realizadas e informam sobre um vir a ser, sobre um devir, em uma perspectiva de Exu, que nada mais é que o princípio da sabedoria e que “Tem o poder de gerar a si mesmo e gerar o Outro. Exu, sob o signo do infinito, não começa e não termina, é sempre o caminho, o meio, o intermezzo” (Petronilio, 2020, p. 103).

Lélia Gonzalez (2018) discorre sobre a epígrafe transcrita, referenciando Franz Fanon, que aborda a necessidade de fazer uma provocação profunda que nos leve a nos pensarmos como parte do problema racial estrutural e provocador dessa patologia social que aprisiona pessoas negras em cruéis processos de demonização, desumanização e imposições de inalcançáveis padrões ocidentais e brancos. Todo esse movimento, de acordo com o pensador da Martinica (Fanon, 2005), ao mesmo tempo, situa pessoas brancas como referencial incontestado de humanidade, de racionalidade e de beleza. Desde essa perspectiva, o racismo estrutura relações socioculturais desiguais, polarizadas e excludentes, fazendo emergir também, e ao mesmo tempo, nichos de privilégios, estes que são por vezes defendidos pelos “beneficiários da exploração” (Gonzalez, 1979).

Um atrevimento “transatlântico” (Nascimento, 2018) nessas realidades pode trazer à tona dimensões que têm sido vistas/percebidas como opressoras somente desde um ângulo, o do excluído, do marginalizado, do subalternizado. Acerca da noção de transatlântico, a historiadora quilombola Beatriz Nascimento (2018), ao se perguntar sobre o que sejam as civilizações africanas ou americanas, depara-se com um desenlace que aponta para o transatlântico, dimensão que evidencia “um tipo de vida que era africano” e que foi transportado para as Américas no período das colonizações. Em suas palavras, transatlântico “É a transmigração de uma cultura e de uma atitude no mundo, de um continente para o outro, de África para América” (Nascimento, 2018, p. 327). Esta é uma noção importante para que se compreenda adequadamente o que estou chamando aqui de *atreimento*.

O atrevimento da atuação e da escrita de Lélia Gonzalez força limites fronteiriços e provoca erosões políticas, identitárias, estético-corpóreas e epistêmicas (Lerma, 2019). O atrevimento afrodiaspórico pode ser notado em sua proposta de “amefricanidade”, por exemplo, como uma categoria político-cultural que abarca a experiência comum de pessoas negras na diáspora, além das experiências de pessoas indígenas decorrentes da colonização das américas (Gonzalez, 1988a; 1988b). Pode ser notada também na noção de “pretuguês”, como categoria de análise que explica uma subversão do português falado pelas pessoas negras no Brasil, como marca de resistência (Gonzalez, 2018); e pode ser notado também na perspectiva do antirracismo como elemento intrínseco aos princípios feministas (Gonzalez, 1988b), de produção do conhecimento em uma perspectiva pluriepistêmica e de realização de justiça social. Enfim, o enfoque no pensamento/ação de Lélia Gonzalez, esta intérprete do Brasil e inventora de conceitos, me ajudam a situar esses tempos de atrevimento transatlântico nos campos de produção de conhecimentos acadêmico-científicos, evidenciando uma epistemologia e uma antropologia afrodiaspóricas, que acontecem nas encruzilhadas e são provocativas, atrevidas, vibrantes, colaborativas e propositivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, atrevo-me a afirmar que a antropologia afrodiaspórica se aproxima de uma estabilidade semântica e enuncia e performa honestamente em um campo de conhecimentos que ainda se filia a hermetismos e, por isso, ainda enfrenta dificuldades em notar os reclames, que podem interpelar campos, identidades, territórios, corporalidades e direitos pela consideração da perspectiva dos plurissaberes e do antirracismo, estes apreendidos na dimensão epistemológica, mas também ética e política. Meu entendimento, como antropóloga negra e estudiosa do pensamento feminista negro, é o de que presenças afrodiaspóricas resultam por inserir saberes e fazeres caracterizados por um diálogo interdisciplinar, marcados étnico-racialmente e politicamente comprometidos com uma gramática antirracista. Assim compreendido, apresenta-se o convite para que, de maneira colaborativa, efetivamente seja reconhecida a diversidade já atuante no campo de produção do conhecimento científico no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser**. 2005. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DIAS, Luciana de Oliveira. Circuitos Antropológicos: Por uma Antropologia Negra no Brasil. **Novos Debates**, v. 7, n. 2, 2021.

DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. **Revista Articulando e Construindo Saberes**, v.5, e63860, p. 1-14, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade, trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. //: **VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association**. Pittsburgh, Pensilvânia, USA, 5-7 de abril, 1979.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria Político-cultural de Amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92-93, p. 69-82, 1988a.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, v. 9, p. 133-141, 1988b.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. //: GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018. p. 190-214.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LERMA, Betty Ruth Lozano. **Aportes a un Feminismo Negro Decolonial**. Insurgencias Epistémicas de Mujeresnegras-afrocolombianas tejidas con retazos de Memorias. Ecuador: Abya Yala, 2019.

LORDE, Audre. **La hermana, la extranjera: artículos y conferencias**. Madrid: Horas y Horas, 2003.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. //: SCHWARTZ, Lilian; QUEIROZ, Renato (Org.). **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 213-229.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

PETRONILIO, Paulo. "Se liga, macho": a encruzilhada po(ética) de uma bixa preta. **Ephemera Journal**, v. 3, n. 6, 2020.

PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio (Org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2ª ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia, EDUFBA, 2008.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Recebido em 11 de dezembro de 2025.

Aprovado em 13 de dezembro de 2025.

